

boletim da célula



EDIÇÃO DO DEPARTAMENTO DO TRABALHO IDEOLÓGICO DO PARTIDO FRELIMO • N.º 1 • JULHO DE 1980 — PREÇO: 5,00 MT

Editorial

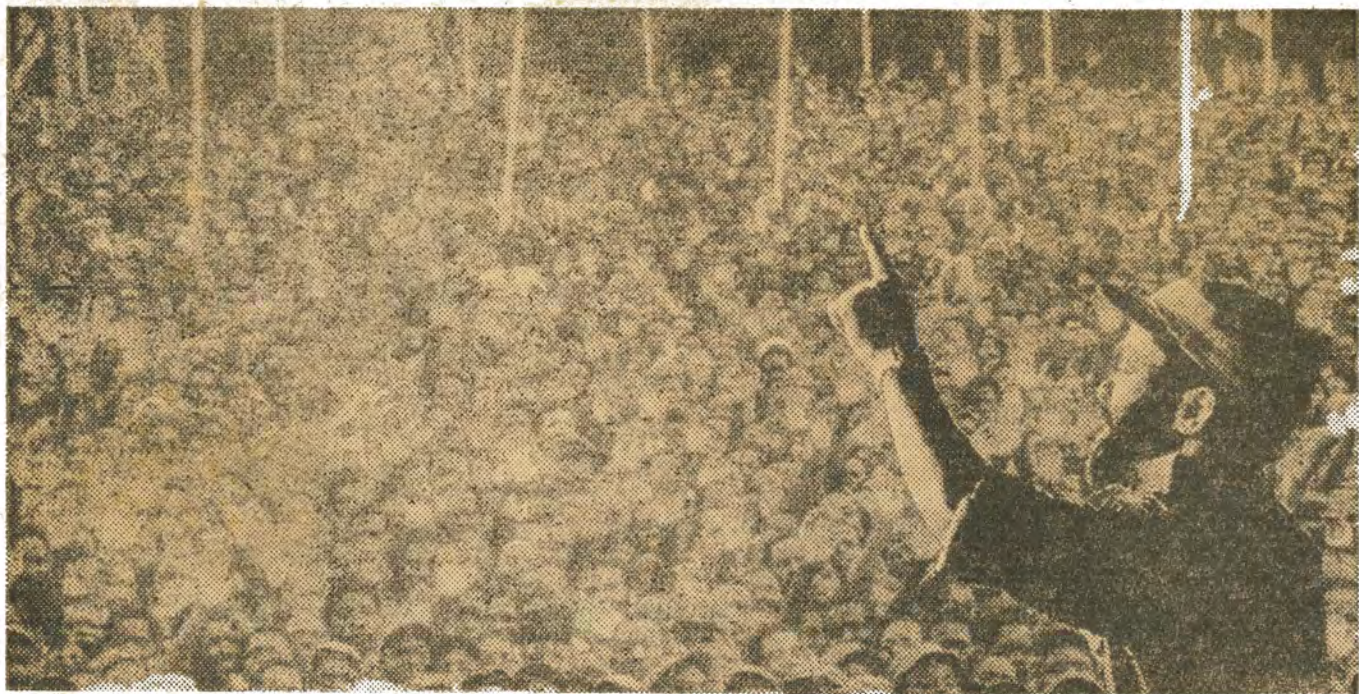
Numa reunião realizada pela Direcção do nosso Partido, em Maputo, no dia 3 de Maio deste ano, com os Secretários das Células do Partido e dos Grupos Dinamizadores, estes denuncia-

cumprir as orientações do Partido e do Estado, recusam a participação e envolvimento das estruturas políticas na discussão e solução dos problemas da empresa, inclusivamente no que respeita ao cumprimento do plano.

A Direcção máxima do nosso Partido tem vindo a insistir na necessidade de se aumentar crescentemente o nível e a capaci-

cas, para negar a sua função e o seu papel na empresa.

Como foi constatado nessa reunião de 3 de Maio, as contradições entre as direcções e as Células do Partido e Grupos Dinamizadores agudizaram-se ainda mais após o discurso de 18 de Março, no qual o Camarada Presidente disse numa das passagens que, «ao nível de cada em-



Camarada Presidente Samora Machel, durante o histórico comício de 18 de Março «A Direcção tem que concentrar a força como a cabeça do Martelo»

ram a existência de um problema fundamental que dificulta o seu trabalho nas empresas.

Trata-se do problema das relações entre as direcções de algumas empresas e as respectivas estruturas políticas.

Concretamente, as estruturas políticas estão a ser isoladas, marginalizadas por parte dessas direcções que, dizendo estar a

idade de organização e de responsabilidade das unidades de produção. Sobre este assunto, o Camarada Presidente deu a seguinte orientação:

«A direcção tem que concentrar a força como a cabeça do martelo.» Estas são as palavras de que alguns directores e administradores se servem para afastar e isolar as estruturas políti-

presa o poder é exercido pelo director. É o director quem organiza, dirige e controla a produção. É ele quem decide. (...)

Como foi visto na reunião de 3 de Maio, a má interpretação, a deturpação destas orientações da qual resultam estas contradições, por um lado, tem origem na incapacidade de certos directores em dar uma correcta res-

posta às exigências do nosso Partido, contidas nas referidas orientações. Por outro lado, essa interpretação reflecte a atitude oportunista de alguns que, não se sentindo capazes de se imporem pelo respeito, capacidade e competência, procuram encontrar nelas a base para camuflarem a sua incompetência e ausência de autoridade política, e para recorrerem ao autoritarismo e a métodos puramente administrativos e burocráticos de direcção.

É certo também que tem havido por parte de algumas Células e Grupos Dinamizadores uma compreensão errada sobre o seu papel dentro da empresa. Em muitos casos encontramos Secretários das Células e de Grupos Dinamizadores que querem substituir-se ao Director, e não permitem que o Director tome qualquer decisão sem serem consultados. E, quando são consultados, tomam posições erradas. Assim, se um trabalhador é indisciplinado, ladrão, bêbado, corrupto, faltoso, e o Director quer aplicar-lhe uma punição que pode ser mesmo a expulsão, a Célula muitas vezes opõe-se. Opõe-se dizendo que a punição é severa demais, que o Director não compreende os problemas dos trabalhadores, que deve dar-se outra «oportunidade» ao trabalhador corrupto, etc.

Esta atitude retira, dilui, enfraquece a autoridade do Director, e cria um clima de anarquia e de verdadeiro caos na empresa.

Isto acontece porque alguns membros do Partido não assumiram o seu papel, que deve ser o de defensores da Linha Política do Partido, e não defensores da indisciplina, do roubo, da corrupção.

Mas qual é o caminho correcto para resolver o problema da articulação entre as várias estruturas da empresa?

O Camarada Presidente, no seu discurso de 18 de Março, falou da necessidade de existência de coesão, unidade e coordenação entre as estruturas.

A Célula do Partido ou Grupo Dinamizador representam, na base, o nosso Partido e, como

tal, têm um papel de orientação e contróle políticos. São eles que divulgam a linha do Partido, participam com a administração na planificação e contróle das tarefas definidas para o local de trabalho e contribuem decisivamente para assegurar o cumprimento do Plano de Produção.

Contudo, o Director é, em última instância, o responsável pela empresa. É ele quem responde pelo cumprimento ou não do Plano. Portanto, é também em última instância quem decide, quem tem autoridade para punir os indisciplinados, faltosos e negligentes.

Todavia, nestas tarefas ele não age sozinho, ele não pode dirigir a empresa sozinho. No exercício das suas funções, o êxito das tarefas que lhe cabem como responsável máximo depende em larga escala do apoio que lhe dão as outras estruturas, principalmente a Célula do Partido ou Grupo Dinamizador, e os CPUP. A Célula do Partido ou Grupo Dinamizador e os CPUP desempenham um papel fundamental na criação de condições concretas para o cumprimento do plano. São estas estruturas que, actuando no seio dos trabalhadores, os mobilizam e motivam para um maior engajamento na produção.

A este respeito o Camarada Presidente disse que, **a tarefa central da Direcção, das outras estruturas e de todos os trabalhadores é garantir que seja cumprido o Plano de Produção da empresa. (...) Todos devem empenhar-se em criar condições para o cumprimento das metas, pois a batalha económica é o nosso combate principal. É preciso acabarmos com os conflitos e a confusão de tarefas entre a direcção e as outras estruturas da empresa. Cada estrutura tem a sua tarefa definida, tem a sua área de actuação. O poder tem de estar concentrado, não pode ser dividido.**

Ao utilizar o exemplo do martelo, como simbolo da concentração do poder, o Camarada Presidente caracterizava assim a natureza do nosso poder. Com efeito, o martelo sem o cabo não pode enterrar o prego na madeira, não pode despedaçar a rocha rija.

»
Por conseguinte, a força do martelo está intimamente ligada ao cabo. Sobre este aspecto o Camarada Presidente Samora Machel disse que **«o poder é proporcional ao comprimento do cabo»**. Quer isto dizer que, para a direcção aplicar com eficácia a força, tem que possuir um cabo adequado. Um pequeno cabo exige muita força, desperdica energias e tem pouco resultado. **«O nosso poder é constituído pela democratização dos métodos de trabalho e pela colectivação da direcção —** diz ainda o Camarada Presidente.

O que é que isto quer dizer e quais as vantagens resultantes da sua prática?

Quer isto dizer que, quanto melhor a direcção souber elaborar uma decisão com a ampla participação daqueles que a vão executar, uma decisão enriquecida pelas contribuições daqueles que na prática a realizam, melhor a decisão é assumida, melhor é executada.

Por outro lado, neste processo, a direcção ganha a confiança dos quadros e dos trabalhadores em geral, o que permite uma confiança total numa decisão da direcção, mesmo quando não preparada através de um processo de discussão. Permite ainda que as pessoas sejam capazes de compreender e assumir essa decisão porque, estando habituadas a raciocinar e analisar em conjunto os problemas, identificam-se com as decisões da direcção e ganham confiança nela. Por isso, esta prática permite uma real concentração do poder na cabeça do martelo.

Em resumo, é necessária uma coordenação e conjugação de esforços por parte das diversas estruturas. Só assim se evitam confusões e conflitos. A confusão e os conflitos só aproveitam ao inimigo, desviam a atenção da tarefa central, que é o aumento da produção e da produtividade.

CADA ESTRUTURA TEM A SUA TAREFA E O SEU CAMPO DE ACTUAÇÃO BEM DEFINIDOS. CRIEMOS RELAÇÕES Sãs E HARMONIOSAS ENTRE TODAS AS ESTRUTURAS NAS NOSSAS EMPRESAS.

O NOSSO BOLETIM DA CÉLULA



Este é o primeiro número do «Boletim da Célula», publicação do Partido FRELIMO especificamente dirigida às Células do Partido.

«O Boletim da Célula» tem por objectivo servir de instrumento de apoio ao trabalho das Células e dos Grupos Dinamizadores. No cumprimento das suas tarefas, as Células do Partido e os Grupos Dinamizadores enfrentam dificuldades que, muitas vezes, por não encontrarem solução impedem o desenvolvimento do seu trabalho.

É missão deste Boletim dar resposta a esse tipo de preocupações. O conteúdo do Boletim está orientado de forma a que seja, o mais possível, um veículo de divulgação de experiências vividas ao nível da base e de transmissão de orientações e directivas das estruturas centrais do Partido.

O Boletim da Célula recolherá e divulgará, regularmente, experiências das estruturas de base do Partido nos locais de trabalho e de residência. Pretendemos promover o intercâmbio de experiências entre sectores e locais diferentes por forma a que se conheçam as dificuldades e os êxitos alcançados nas diversas frentes de combate em todo o País. O Boletim terá uma secção especialmente dedicada ao esclarecimento de dúvidas e questões colocadas pelas Células ou pelos membros do Partido

individualmente. As Células do Partido e os Grupos Dinamizadores têm, assim, um papel activo na elaboração deste Boletim, enviando cartas em que coloquem questões ligadas ao trabalho político e organizativo.

Nessa secção de correspondência com as Células não pretendemos apenas dar solução a questões locais e particulares. Mais do que isso, pretendemos difundir a linha política e ideológica do nosso Partido, na base da qual se encontrará a solução de problemas concretos.

O Boletim dedicará particular importância à divulgação de temas de estudo que poderão versar temas nacionais ou internacionais. Ele será um meio de transmissão de orientações das estruturas superiores do Partido para o trabalho das Células.

O «Boletim da Célula» não substitui a «Voz da Revolução». Ambos são órgãos oficiais do Partido, mas diferem no conteúdo e na periodicidade. Enquanto que o Boletim da Célula se destina a apoiar o trabalho diário das Células, a «Voz da Revolução» tem por função proceder à análise das questões mais profundas da vida do nosso Partido e de questões gerais relacionadas com o processo revolucionário no nosso País e no Mundo.

No âmbito do desenvolvimento do Trabalho Ideológico, a 7.ª Sessão do Comité Central do Partido FRELIMO, reunido de 17 a 19 de Julho de 1980, de entre muitas decisões aprovadas, aprovou também a da criação de um Boletim mensal, para apoio, orientação e dinamização das Células do Partido e Grupos Dinamizadores nos locais de trabalho, e de residência.

Este Boletim é, pois, a materialização dessa resolução.

Entrevista

PETROMOC

A Experiência da Célula do Partido

São decorridos cerca de dois anos após o final da Campanha Nacional de Estruturação do Partido durante a qual, e num processo democrático e popular, dezenas de milhares de trabalhadores exemplares foram aceites para integrarem as Células do Partido, presença organizada do Partido no seio das massas.

A criação das Células durante a referida campanha foi orientada, em primeiro lugar, para se efectuar ao nível das grandes unidades económicas. É assim que, de entre as grandes empresas existentes no País, foi criada a Célula do Partido da PETROMOC EE, de cuja actividade vamos falar neste trabalho. Porém, antes de nos referir concretamente ao trabalho por ela realizado desde a sua criação, vamos dar a conhecer, em poucas palavras, o que é a PETROMOC e o que ela faz.

A Petróleos de Moçambique EE — PETROMOC — constitui uma das conquistas do Povó Moçambicano. Esta empresa dedica-se à transformação e refinação do petróleo bruto (ou petróleo em rama) em gasolina, benzina, gasóleo e todos os outros derivados, como o gás industrial e o doméstico, e alcatrão. Ela foi criada em 1977 no âmbito do cumprimento das Directivas Económicas e Sociais traçadas pelo III Congresso da FRELIMO. A PETROMOC surge do intervencionamento e fusão, no 1.º de Maio de 1977, das empresas SONAREP E SONAP, duas multinacionais que se dedicavam ao trabalho a que já nos referimos. Emprega, só na província do Maputo, cerca de mil trabalhadores.

O QUE FOI A ESTRUTURAÇÃO DO PARTIDO NA PETROMOC

A estruturação do Partido nesta empresa foi um momento alto da luta política, em que os trabalhadores souberam desmascarar aqueles que pretendiam infiltrar-se no Partido. Detectados e neutralizados os elementos negativos, estavam criadas as condições para a realização de um trabalho polí-

tico dinâmico e consequente.

Com efeito, de entre os vários trabalhos que a Célula do Partido da PETROMOC realizou, destaca-se o da mobilização para candidatos a membros do Partido de trabalhadores que ao longo do processo da produção se iam revelando e ganhando a confiança dos outros pelo seu exemplo, cons-

ciência política, dedicação, por serem disciplinados e exigirem disciplina. É assim que, nos fins do ano passado, a Célula do Partido desencadeia uma campanha com vista a angariar candidaturas para membros do Partido. Desta campanha resultou a inscrição de muitos elementos e a sua posterior aceitação, após uma cuidada análise das candidaturas então apresentadas.

Saliente-se que, de entre os candidatos, constam elementos ligados ao aparelho administrativo da empresa. Sobre o curso do processo, o secretário da Célula disse-nos: — Após a oficialização da Célula foi desenvolvido um trabalho político que visava o aumento do número de membros da nossa Célula. Na mobilização dos futuros membros foram os camaradas da Célula que no contacto pessoal com os seus colegas de trabalho viam quais eram os trabalhadores exemplares, aqueles que reúnem condições para serem membros do Partido. Contactavam-nos então e mobilizavam-nos no sentido de se candidatarem e, como resposta, tivemos muitas dezenas de candidaturas, as quais foram aceites na sua quase totalidade.

...QUAIS OS RESULTADOS ALCANÇADOS...

O entusiasmo que então nasceu durante a estruturação do Partido foi-se transformando qualitativa-



«Os Trabalhadores têm respondido positivamente» Secretariado da Célula do Partido da Petromoc, durante a entrevista com o «BC»

«

mente e tornou-se numa força consciente no seio dos trabalhadores. O seu engajamento no processo da produção fez com que durante a Primeira Reunião Nacional de Planificação a empresa fosse distinguida com um diploma, em homenagem ao empenhamento dos seus trabalhadores no cumprimento do Plano.

Mas como é que a Célula mobiliza os trabalhadores para o aumento da produção e da produtividade? Esta foi a primeira pergunta que lançámos aos camaradas da Célula do Partido da PETROMOC, durante a entrevista que concederam ao «BC». Sobre este assunto, o secretário daquela empresa afirmou:

— O trabalho da Célula da PETROMOC tem visado a divulgação da linha política do Partido FRELIMO com vista à elevação da consciência política dos trabalhadores. Essa elevação da consciência visa precisamente garantir o aumento da produção e da produtividade. A mobilização dos trabalhadores é conseguida através das nossas reuniões, através de sessões de estudo político que regularmente realizamos com os trabalhadores, através da mobilização dirigida quando necessária, e através do exemplo dos próprios membros do Partido.

Quando se trata de problemas de produção, os trabalhadores têm respondido positivamente à mobilização. Não queremos com isto dizer que não haja excepções. Um ou outro trabalhador levanta dificuldades, procura pôr à frente dos problemas comuns e colectivos os seus problemas pessoais, mas, regra geral, os trabalhadores têm cumprido positivamente — disse o secretário da Célula do Partido da PETROMOC, para mais adiante acrescentar que, apesar das dificuldades que a empresa enfrenta no que respeita aos transportes, os nossos trabalhadores em regra chegam a horas. Os que moram relativamente perto vêm a pé. Por isso não registamos grandes quebras quanto ao cumprimento do horário de entrada. Quanto a aqueles trabalhadores que se atrasam por norma, utilizamos o sistema de controlo na porta de entrada.

São portanto os guardas quem tem a tarefa de exercer o controlo. Então eles fazem uma informação e canalizam-na para as estruturas administrativas.

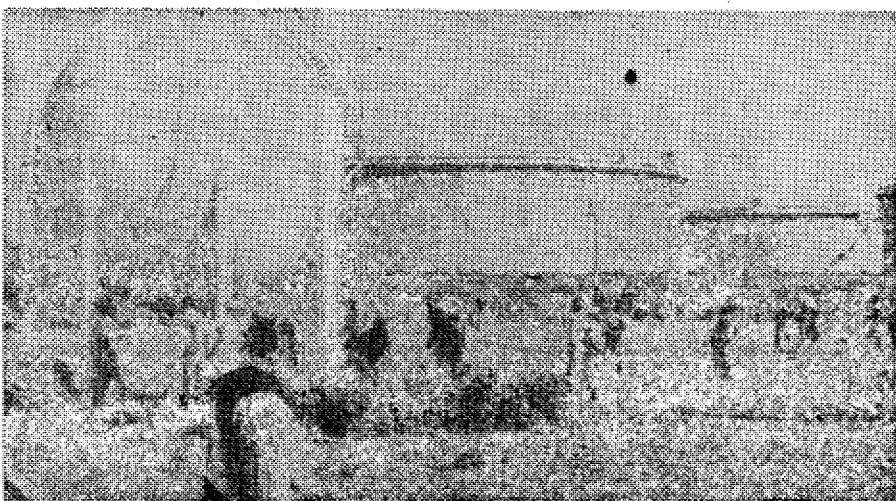
AS RELAÇÕES COM A Direcção, CONTRÓLE E ARTICULAÇÃO COM AS ODM

Quais as relações entre a Célula do Partido e a Direcção da empresa? Esta a pergunta que fizemos. A este respeito, o camarada secretário começou por dizer que **as nossas relações são boas. Todavia, têm surgido dificuldades, mas essas dificuldades não são tomadas como matéria para uma ruptura entre a Célula e a Direc-**

dos todos os problemas de interesse da empresa e dos trabalhadores em geral.

Sobre o controlo e articulação com as Organizações Democráticas de Massas, o camarada secretário afirmou que a Célula controla as ODM através dos seus membros. São eles que garantem a ligação entre estas e a Célula do Partido e respondem pelo trabalho das ODM perante a Célula.

Por outro lado, e no âmbito do controlo e direcção das ODM, a Célula realiza reuniões mensais com os secretariados das organizações ali existentes, onde são debatidos em pormenor todos os problemas que se fazem sentir no seio de cada uma das ODM.



Aspecto de uma jornada de limpeza levada a cabo pelos trabalhadores da Petromoc

ção. Ambas as partes têm sabido interpretar correctamente a natureza e as possíveis consequências que poderiam delas resultar. Por isso, em conjunto, têm-se esforçado por resolvê-las da melhor maneira possível. A Célula tem informado a Direcção sobre todas as questões que detecta no exercício de tarefas da sua competência, da mesma maneira que a Direcção nos dá a conhecer todas as questões relacionadas com os trabalhadores, bem como com a empresa em si. Há uma boa articulação. Temos por isso boas relações. O mecanismo que permitiu a consolidação dessas relações, como disse o secretário da PETROMOC, são as reuniões de trabalho que mensalmente a Célula realiza com a Direcção, nas quais são discuti-

Como pudemos constatar, esta eficiência só é possível porque a Célula do Partido da PETROMOC esta organizada.

Dispõe de um plano e de um programa de trabalho que é actualizado trimestralmente, o que lhe permite a par e passo dar respostas concretas às questões que o processo vai levantando. E como é que se põe em prática esse plano? — A Célula realiza duas reuniões gerais por mês, na primeira e na terceira quinta-feira de cada mês. Na primeira quinta-feira realiza também a reunião com todos os secretariados das ODM e, na segunda quinta-feira, tem a reunião dos secretariados da Célula e das ODM, com a Direcção. Na terceira quinta-feira temos a reunião geral de trabalhadores,

»

«

na qual participam todas as estruturas, e obrigatoriamente todas elas se pronunciam de acordo com o seu plano específico de trabalho — disse-nos o secretário da Célula do Partido da PETROMOC.

O PAPEL DOS MEMBROS DO PARTIDO NA CÉLULA DA PETROMOC

No respeitante a este assunto, o secretariado daquela empresa deu-nos a conhecer que a todos os membros estão distribuídas tarefas concretas. Como disse o secretário da Célula, eles têm por missão garantir a difusão da linha política do Partido FRELIMO no seio dos trabalhadores. Para isso, a empresa está organizada em nove centros para estudo político, o qual é ministrado pelos membros do Partido.

Quisemos saber os temas discutidos durante essas sessões de estudo e, sobre o assunto, o secretário disse:

— **Durante as sessões debruçamo-nos sobre o estudo dos documentos do Partido, isto após a Célula os ter cuidadosamente estudado ao nível das suas reuniões gerais. Temos também tido a**

preocupação de fazermos incidir as discussões sobre a realidade da nossa empresa. Fizemo-lo com sucesso durante o estudo do discurso do Camarada Presidente na Saúde, na Sogere e na Protal, e estamos a fazê-lo também com o discurso proferido no dia 18 de Março. É assim que nós realizamos o estudo político com os trabalhadores. E porque a nossa empresa trabalha em regime de turnos e os trabalhadores abrangidos pelos turnos não podem participar nas sessões ordinárias de estudo político, às quartas-feiras realizamos o estudo com esses trabalhadores. Nestas sessões, não só procedemos ao estudo político, como também debatemos certos problemas relacionados com o funcionamento dos turnos.

Ainda sobre a afectação dos membros do Partido em tarefas concretas, o camarada secretário disse que a Célula organizou grupos de trabalho que levam a cabo tarefas concretas, tais como a aquisição e distribuição da «Voz da Revolução», escuta e divulgação dos temas do programa radiofónico «Voz da FRELIMO», mobilização dos trabalhadores para a doação de sangue, elaboração do Jornal do Povo, organizar e con-

trolar o estudo político dos trabalhadores. Na sua maioria a afectação destes camaradas é a curto prazo, isto é, a sua integração num dos vários grupos é rotativa. Contudo, como disse mais adiante o camarada secretário, há tarefas que são distribuídas a certos camaradas, e cuja duração vai para além de doze meses. É o caso da alfabetização e educação de adultos. — **Na distribuição destas tarefas tem-se sempre em conta a experiência e a capacidade que esses camaradas têm em desenvolvê-las** — afirmou o camarada secretário da Célula.

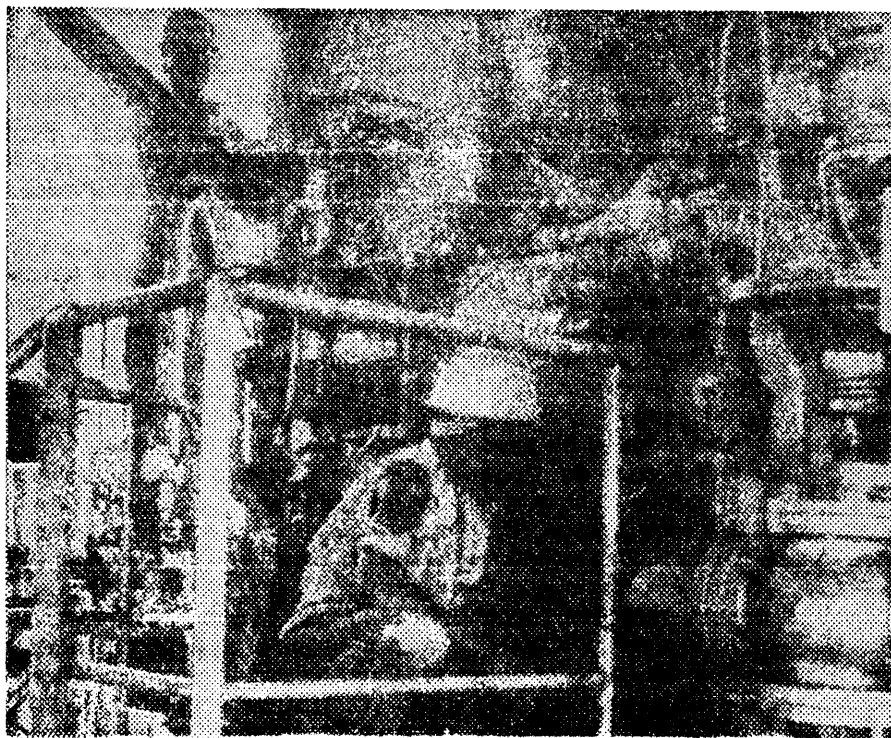
A OFENSIVA POLITICA E ORGANIZACIONAL E A PRODUÇÃO NA PETROMOC

Outra questão que colocámos aos camaradas da PETROMOC está relacionada com o trabalho que planearam ou realizam com vista a continuar a ofensiva na sua unidade de produção. A este respeito, o secretário começou por dizer que a ofensiva provocou efeitos altamente positivos no seio dos trabalhadores. O dinamismo que imprimiu nos trabalhadores permitiu que, neste primeiro semestre, a empresa se encontrasse avançada em relação ao plano em vários milhares de toneladas métricas de «Crude» elaborada.

Paralelamente a esta vitória, do processo de Emulação Socialista ali desencadeado resultou que dezasseis trabalhadores fossem premiados com uma viagem e estada nas províncias de Sofala e Zambézia, por um período de uma semana.

Por outro lado, durante as horas «mortas», os trabalhadores dedicam-se a arrumar e embelezar a empresa, enquanto outros sacham o capim que circunda as instalações daquela unidade de produção.

Durante a deslocação que efectuámos àquela fábrica com o objectivo de fazermos esta entrevista, pudemos constatar o asseio e alinhamento que testemunham o esforço e o trabalho positivo desenvolvido pela Célula e pelos trabalhadores da PETROMOC.



Trabalhadores da Petromoc procedendo à manutenção das máquinas

tema de estudo



Hoje não se ensina a exploração mas sim a reconstrução nacional e a construção de uma vida feliz para todos

No dia 24 de Julho de 1980 celebrámos o 5.º Aniversário das Nacionalizações. Foi no dia 24 de Julho de 1975 que o nosso Presidente anunciou a recuperação da terra pelo Povo, a nacionalização das escolas privadas e o fim do sistema dos explicadores, a nacionalização dos hospitais e das clínicas privadas, a abolição da medicina capitalista, o fim do exercício privado da advocacia e da comercialização da justiça, e a liquidação do comércio da morte pelas agências funerárias.

No prosseguimento desta política de defesa dos interesses do Povo pelo FRELIMO, no dia 3 de Fevereiro de 1976 foram nacionalizadas as casas e os prédios de rendimento.

PORQUE É QUE AS NACIONALIZAÇÕES FORAM IMPORTANTES?

As Nacionalizações foram importantes porque permitiram reforçar o nosso poder e melhorar muito a vida do Povo. Elas alargaram a todo o País as grandes conquistas que, nas zonas libertadas durante a Luta de Libertação Nacional, já tinham começado a transformar a vida.

Nas zonas libertadas a terra era de todos e não só de alguns, havia escolas e postos de saúde para servir a população gratuitamente, ninguém ficava sem casa por não ter dinheiro para pagar o aluguer, e os problemas que sur-

giam eram resolvidos pelo próprio Povo organizado. Nesta nova vida se começou a forjar o Homem Novo.

Com as nacionalizações deu-se o primeiro passo para que todo o Povo Moçambicano pudesse beneficiar destas conquistas e experiências das zonas libertadas.

Como iremos ver, isso foi feito fazendo passar para o controle do nosso Estado de operários e camponeses os sectores onde a exploração era mais forte.

QUAL ERA A SITUAÇÃO DA TERRA MOÇAMBICANA?

As terras ricas e férteis estavam todas nas mãos dos colonos. O

»



Hoje qualquer moçambicano tem acesso aos melhores cuidados médicos que o País pode dispensar

nosso Povo foi expulso dessas terras e só podia ocupar e cultivar as terras mais pobres. E mesmo dessas podia sempre ser expulso se os colonos precisassem delas para qualquer fim.

Basta dizer que, na fase final do colonialismo português, os milhões de camponeses moçambicanos cultivavam para si apenas a quarta parte de toda a terra cultivada. E era a parte mais pobre, que quase não produzia nada.

As grandes companhias agrícolas coloniais, como a Boror, a Madal e a Sena Sugar Estates, eram donas de cerca de metade da terra cultivada, a mais fértil, e onde o nosso Povo trabalhava debaixo de um regime de feroz exploração.

Além disso, eram só os colonos quem beneficiava com as riquezas que existem debaixo da terra, como o carvão, as pedras semi-preciosas, etc.

Quem controla a terra controla todas as riquezas. É da terra que vem a nossa comida, o material com que construímos as nossas casas, o algodão com que fazemos a nossa roupa.

É da terra que sai o carvão, o ferro, a borracha, a madeira para as nossas indústrias.

Como seria possível deixar essas armas tão fortes nas mãos dos colonos ou da burguesia interna? Como poderíamos fazer avançar a Revolução e construir uma vida nova e feliz para todos se deixássemos a terra nas mãos do nosso inimigo de classe?

É por isso que hoje comemoramos a decisão de nacionalizar a terra, anunciada pelo nosso Presidente em 24 de Julho de 1975.

E quais foram os resultados ao fim de cinco anos? O que fizemos nós com essa arma que arrancámos ao inimigo?

Acabámos com a exploração feita através da renda da terra e

abrimos caminho para podermos começar a planificar o nosso desenvolvimento.

As aldeias comunais, as empresas agrícolas estatais, as cooperativas de produção agrícola são possíveis porque a terra pertence ao Povo. E podemos dizer o mesmo quanto aos grandes projectos económicos, como os projectos de desenvolvimento acelerado dos vales do Limpopo e Incomati, o Programa de Desenvolvimento Agrário da Angónia, a extracção de carvão de Moatize pela CARBOMOC, etc.

Através destes projectos nós conseguimos resolver muitos problemas do abastecimento que hoje enfrentamos.

QUAL ERA A SITUAÇÃO DA SAÚDE NO NOSSO PAÍS?

O sector da saúde era o exemplo mais claro das injustiças, discriminação e exploração do sistema colonial-fascista.

A maneira como estava organizado o sector da saúde mostrava bem que só poderia ter esperança de ser tratado nas suas doenças quem tivesse muito dinheiro. Médicos, tratamentos, medicamentos, hospital e casas de saúde custavam um preço que transformava numa enorme desgraça a mais simples doença de uma pessoa de família pobre.

Para poderem tratar do seu doente as famílias tinham que gastar as poucas reservas de dinheiro, que às vezes tinham demorado anos a juntar, ou tinham mesmo que pedir dinheiro emprestado ficando depois muito tempo a pagar o empréstimo. Se não conseguiam arranjar dinheiro, eram obrigadas a assistir ao sofrimento do seu familiar, desesperadas por não o poderem ajudar.

E isto acontecia se vivessem nas cidades, onde se concentravam todas as possibilidades de recorrer aos serviços de saúde. No campo, as pessoas não possuíam praticamente nenhum socorro quando adoeciam. Milhares de pessoas morriam anualmente porque não havia cuidados médicos na zona onde viviam. E não havia porque os hospitais, os serviços médicos e enfermeiros estavam concentrados nas cidades onde ti-

«
nham os clientes ricos para explorar nos seus consultórios e nas suas casas de saúde.

Foi chorando o fim deste negócio que muitos destes exploradores da doença se foram embora, depois de o nosso Governo ter nacionalizado a saúde e proibido a medicina privada.

Mas hoje podemos ver e sentir que esta decisão foi correcta e defendeu os interesses profundos do Povo. Hoje, que para irmos à consulta de qualquer bom especialista pagamos 7,5 meticais, em vez dos mais de 500 escudos que tínhamos que pagar antes, se quiséssemos ser tratados, percebemos que a nossa vida melhorou.

Melhorou também no campo, onde cada localidade possui, pelo menos, um enfermeiro. Melhorou através dos medicamentos e vacinas gratuitos ou por um preço calculado de acordo com as possibilidades dos doentes. Melhorou através da garantia de que podemos ser internados, e receber o melhor tratamento que o hospital possa dar, sem pagar um único metical.

E, acima de tudo, acabámos definitivamente com a humilhação de sermos tratados de forma diferente conforme a cor da nossa pele. Esta conquista não tem preço.

A MORTE TAMBÉM ERA EXPLORADA?

Também. Se, por falta de assistência ou por a doença ser incurável, o doente morria, nova desgraça caía sobre as famílias pobres. Os preços dos funerais eram elevadíssimos, impedindo muitas vezes os familiares de fazerem o funeral da forma correcta como gostariam de honrar o falecido.

Hoje, o serviço funerário único, a preços muito inferiores aos do período colonial, permitiu acabar com o comércio da morte e com a discriminação que existia entre os homens, mesmo depois da morte.

E NO ENSINO, TAMBÉM HOUVE BENEFÍCIOS?

Houve muitos benefícios. Basta lembrarmo-nos que o sistema do ensino colonial estava preparado apenas para dar uma boa educação aos filhos dos colonos e poucos descendentes da burguesia interna. Para os filhos dos operários e camponeses estava reservado o ensino das missões onde aprendiam apenas o pouco que era necessário para dar mais lucros aos colonos que os iriam explorar.

Nas escolas das missões os alunos aprendiam, desde miúdos, o

que era a exploração, pois desde cedo o seu trabalho era explorado pelos professores e missionários.

Não nos podemos admirar, portanto, que no fim do colonialismo em cada cem moçambicanos só quatro ou cinco soubessem ler e escrever. Ao nacionalizar o ensino, a FRELIMO virou mais essa arma contra o inimigo que antes a empunhava.

Hoje não se ensina a exploração mas sim a reconstrução nacional e a construção de uma vida mais feliz para todos.

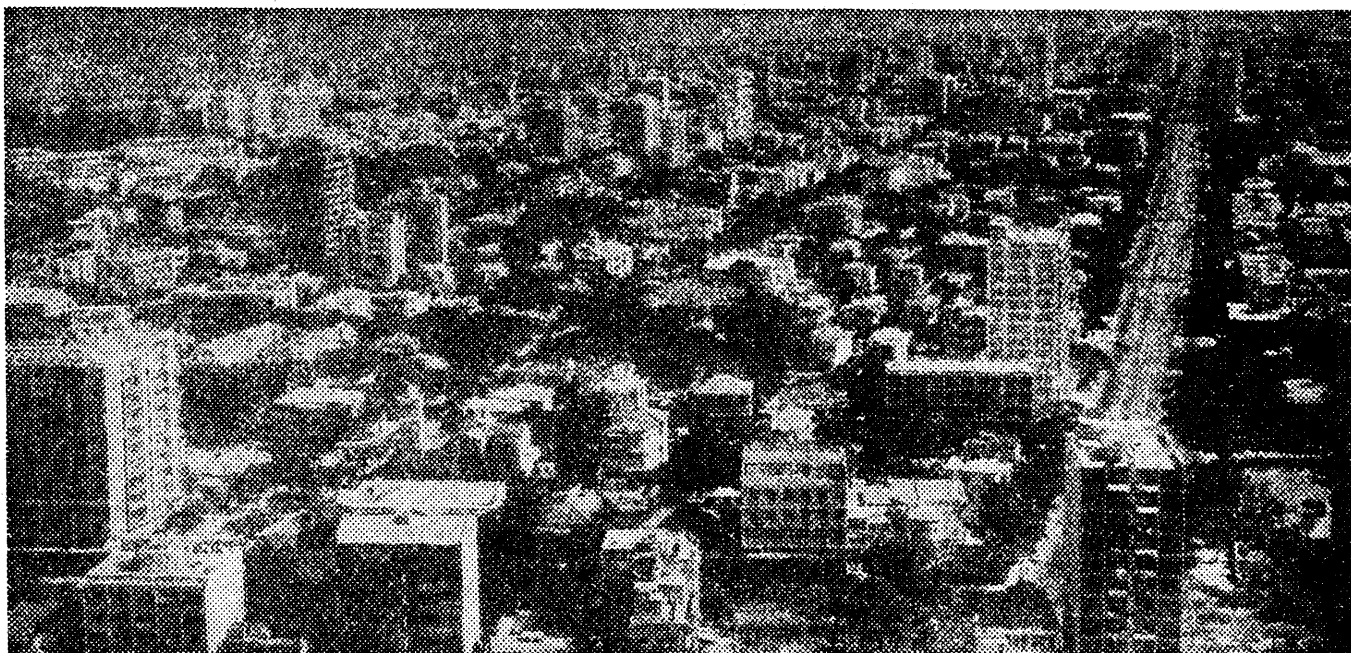
Hoje não se constroem escolas só para uns poucos mas criam-se condições para que, o mais depressa possível, todas as crianças possam frequentar as escolas sem pagar nada.

Em 1980 podemos dizer que o número de escolas e alunos subiu para mais do dobro, e da primeira à sexta classe o ensino é praticamente gratuito.

Em relação aos adultos, as campanhas de alfabetização e educação de adultos têm levado o ensino, gratuitamente, a centenas de milhar de homens e mulheres do nosso povo.

POR QUE FOI BOM PARA O POVO NACIONALIZAR A JUSTIÇA?

A nacionalização da justiça, ou melhor dito, a abolição da advo-



Hoje o nosso povo ocupou as cidades de cimento e vive nas casas em que antes não tinha esperança nenhuma de vir a morar

»

«
cacia privada, foi também um grande benefício para a vida do Povo, como veremos facilmente.

Antigamente havia muitas leis e todas elas eram muito complicadas de entender. Essas leis eram feitas pelo governo colonial para oprimir e explorar.

Cada lei colonial era como uma corda que amarrava o nosso Povo. E só os advogados e os juizes coloniais é que conheciam bem os nós com que essas cordas nos amarravam.

Desta forma, se nos queríamos defender de algum abuso cometido contra nós ou defender os nossos direitos em qualquer problema, não éramos capazes de o fazer sozinhos porque as leis eram muito complicadas e tínhamos que contratar um advogado. Saía mais caro pagar ao advogado do que deixar que nos prejudicassem à vontade.

Com este sistema, é bem claro que, nos tribunais, não ganhava quem tinha razão. Ganhava aquele que tinha mais dinheiro para contratar o melhor advogado.

Agora, nos tribunais populares, as coisas são completamente diferentes. Os juizes são gente do povo que pode compreender bem os problemas porque também conhecem esses problemas na sua vida diária. E os advogados que apoiam nos julgamentos são elementos ao serviço do Povo para os esclarecer sobre os seus direitos e deveres e não os exploradores do nosso dinheiro como eram antes.

POR QUE FORAM NACIONALIZADAS AS CASAS E OS PRÉDIOS DE RENDIMENTO?

Todos nós recordamos ainda bem o problema das casas no período colonial.

As casas e os prédios de cimento, bonitos e com boas condições para viver, eram feitos apenas para os colonos e alguns poucos elementos da burguesia interna.

O resto do nosso Povo tinha que vir das casas de caniço para trabalhar na cidade de cimento sem nunca ter esperança de poder ter uma casa boa. Os preços que

eram pedidos pelo aluguer eram impossíveis de pagar pelos trabalhadores moçambicanos explorados ferozmente nos seus locais de trabalho.

E mesmo quando conseguiam dinheiro para pagar, eram muitas vezes impedidos por um racismo humilhante e estúpido.

Com a nacionalização das casas e prédios de rendimento as coisas mudaram radicalmente.

Hoje o nosso Povo ocupou a cidade de cimento e vive nas casas em que antes não tinha esperança nenhuma de vir a morar.

Acabou o racismo que dividia a cidade em partes para brancos, para pretos, para mulatos, indianos ou chineses.

Acabou igualmente a exploração através das rendas altas. Hoje a renda é por um preço justo, calculado pelo tamanho da casa e pelo ordenado do ocupante.

Desta forma todos têm oportunidade de morar em casas cómodas e bonitas.

A nacionalização das casas e prédios, veio permitir também que se comessem a organizar os moradores numa vida melhor, através dos bairros comunais.

O SENTIDO POPULAR DAS NACIONALIZAÇÕES

Tudo o que estivemos a ver até agora nos prova, sem dúvidas, que a nossa vida mudou muito, para melhor, desde que foram feitas as nacionalizações.

Sabemos que a maioria dos salários subiu desde essa altura, mas vamos pensar mesmo no caso de alguém que ganhe hoje o mesmo que ganhava em 1975.

Essa pessoa, hoje, quase não gasta nenhum dinheiro para educar os seus filhos, paga uma renda de casa barata, não tem que juntar dinheiro com medo de uma doença ou de um problema qualquer que tenha que ser julgado no tribunal.

É claro que o mesmo ordenado dessa pessoa hoje vale mais, porque lhe permite comprar mais comida e roupa e outras coisas que antes não podia por causa das grandes despesas que tinha.

ENTÃO JÁ RESOLVEMOS TODOS OS PROBLEMAS?

Não. As dificuldades a vencer ainda são muitas e a nossa falta de experiência nestes novos caminhos levou-nos a cometer alguns erros.

A acção de sabotagem do inimigo interno e externo tem também dificultado muito a nossa acção.

Nas escolas e hospitais não estamos ainda suficientemente organizados para servir convenientemente o Povo. E ainda não conseguimos que haja hospitais e escolas em todos os pontos em que são necessários e com o pessoal e equipamento próprio para um bom serviço.

Ainda não tirámos da terra nacionalizada muito daquilo que ela nos pode dar. Estamos só a dar os primeiros passos de um desenvolvimento agrícola que trará a fartura de comida e outros produtos para o nosso Povo.

Mal começamos ainda a explorar as nossas minas, e em grande parte do País desconhecemos ainda que riquezas existem no subsolo.

Estamos numa fase inicial da criação dos tribunais populares e ainda se registam algumas dificuldades no seu funcionamento.

Surgiram grandes problemas na utilização das casas e prédios nacionalizados, como foi constatado ao longo da ofensiva, e podemos ver facilmente que as casas e prédios que existem não chegam e é preciso construir muitos mais.

Em resumo, muito já foi feito para defender, consolidar e valorizar as nacionalizações. Mas ainda há muito mais para fazer.

É ao nosso Povo, às largas massas operárias e camponesas, mobilizadas, organizadas e enquadradas pelas estruturas do Partido que cabe a tarefa de defender, consolidar e valorizar as nacionalizações.

Somos todos responsáveis por essa tarefa, perante a memória dos que lutaram e morreram para nos libertar e perante os nossos filhos cujo futuro estamos a construir no caminho do progresso e da justiça social.

internacional

NAMÍBIA: O POVO EM ARMAS

Após a proclamação da Independência do Zimbabwe, a Namíbia passou a constituir a principal zona de confronto com a dominação ilegal e racista na África Austral. O desenvolvimento da luta contra a ocupação ilegal sul-africana dirigida pela vanguarda do Povo namíbio — a SWAPO — assume uma importância decisiva na correlação de forças nesta região do nosso continente. A situação da Namíbia deve ser do conhecimento dos membros do Partido. Com a publicação deste texto pretendemos dar a conhecer alguns dados que contribuam para a compreensão da História da Namíbia e da luta do seu Povo contra a ocupação estrangeira.

Até metade do século XIX o território que é hoje a Namíbia (anteriormente chamava-se Sudoeste Africano) ainda não tinha sido alvo da colonização europeia. A ocupação efectiva do território por farmeiros afrikaners (boers) ocorreu entre 1830 e 1860.

A Conferência de Berlim, realizada em 1884, concedeu ao Sudoeste Africano o estatuto de colónia da Alemanha.

Na I Guerra Mundial a Alemanha foi derrotada e forças sul-africanas ocuparam, em nome da Grã-Bretanha, o território namíbio. A Grã-Bretanha mostrara-se mesmo antes da Conferência de Berlim interessada no porto de Walvis-Bay (ver mapa anexo), que é um dos maiores portos da costa ocidental do continente africano.

Terminada a Guerra Mundial o território ficou sob o mandato da Sociedade das Nações (que mais tarde se transformou na Organização das Nações Unidas) que atribuiu a administração do território à África do Sul.

Em 1947, após a II Guerra Mundial, a África do Sul manifesta às Nações Unidas a sua intenção de anexar o território namíbio ao seu. A ONU nega o seu apoio a esta pretensão. Após ter tentado, du-

rante anos sucessivos, retirar a administração sul-africana da Namíbia, a Organização das Nações Unidas decidiu formalmente, em 1968, declarar como ilegal a ocupação daquele território pela República da África do Sul.

RESISTÊNCIA POPULAR A OCUPAÇÃO COLONIAL

No início a resistência do povo namíbio contra a ocupação colonial era uma resistência dispersa. As revoltas contra o colonizador tinham ainda no princípio deste século uma dimensão tribal. Várias rebeliões assinalaram momentos históricos na luta contra a dominação estrangeira. As mais importantes destas revoltas deram-se em 1904 quando Hendrik Witbooi, líder militar da tribo Nama lançou uma ofensiva militar contra os colonizadores alemães. A revolta militar da tribo Nama prolongou-se durante cinco meses. Uma onda de massacres seguiu-se à derrota desta revolta. Os colonizadores massacraram mais de metade da população que vivia nas zonas controladas pela polícia.

As manifestações anticolonialistas foram, todavia, crescendo e assumindo dimensões nacionais.

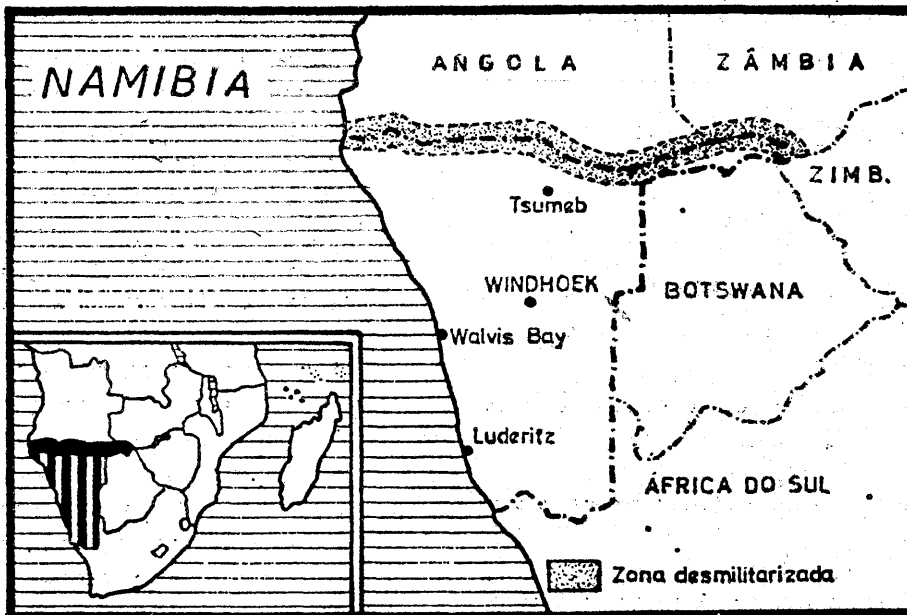


Sam Nujoma, Presidente da SWAPO

Quando em 1959 a administração sul-africana declarou a cidade de Windhoek como zona exclusivamente reservada para europeus e se propôs empurrar os namíbios para as zonas desérticas do interior, ocorreram violentas manifestações populares. Estas acções tinham até então um carácter espontâneo. Organizações políticas começaram a surgir. Duas delas adquiriram rapidamente uma grande representatividade: a OPO — Ovamboland People's Organization, e a SWANU — South West African National Union. Em Abril de 1959 estas duas organizações uniram-se e formaram a SWAPO — Organização Popular do Sudoeste Africano.

A SWAPO tornou-se a vanguarda de luta contra o domínio estrangeiro e foi congregando, à sua volta, outros grupos nacionalistas. Em 1964 um dos mais importantes destes grupos — a CANU, Caprivi African National Union — integrou-se na SWAPO. Masek Muyongo.

»



SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

A Namíbia fica situada na parte Sul da costa ocidental de África. Faz fronteira a Norte com a República Popular de Angola e, numa pequena extensão, com a República da Zâmbia. A Sul faz fronteira com a República da África do Sul e a Leste com a República do Botswana.

« que era dirigente da CANU, foi eleito em 1970 Vice-Presidente da SWAPO. O Presidente da SWAPO é Sam Nujoma.

No dia 26 de Agosto de 1966, esgotadas todas as tentativas de uma solução pacífica devido à atitude colonialista da África do Sul, a SWAPO deu início à luta armada de libertação nacional.

No plano internacional, as tentativas da Assembleia Geral das Nações Unidas para condenar a atitude do regime sul-africano e impor sanções económicas que o forçassem a abandonar a Namíbia, são boicotadas pelas potências ocidentais — Estados Unidos da América, Grã-Bretanha, República Federal Alemã, França e Canadá. Isto aconteceu porque estas potências têm interesses económicos muito grandes na Namíbia e não estão dispostas a perdê-los.

E quais são esses interesses? Como se pode ver no quadro publicado neste texto, a Namíbia é rica em minerais e pedras preciosas. São estas riquezas do povo namíbio que as potências ocidentais pretendem pilhar através da África do Sul.

Com a conquista da independência por parte das colónias portuguesas, sobretudo Angola, amplia-se a retaguarda segura e estratégica para a luta armada desencadeada pela SWAPO. É por esta razão que as potências ocidentais realizam iniciativas diplomáticas para convencer o regime sul-africano a procurar uma solução neocolonial, para não permitir que o processo da luta armada avance, pois este avanço da luta e o consequente risco de estabelecimento de um regime revolucionário, põe em perigo os interesses económicos imperialistas na zona.

Com o apoio da OUA, dos Não-Alinhados e das Nações Unidas, com Angola e Zâmbia como retaguardas imediatas, a guerra de libertação do povo namíbio, conduzida pela SWAPO, intensifica-se e ganha novas dimensões.

Face a este imparável avanço, em Dezembro de 1978 a África do Sul tentou enganar o mundo realizando uma farsa eleitoral em que só participaram fantoches, com o objectivo de lhes «dar a independência». Esta manobra — a chamada Conferência de Turnhalle — no entanto, não resultou, pois foi rejeitada por toda a comunidade internacional, que reconhece a SWAPO como único e legítimo representante do povo namíbio.

Por outro lado, numa tentativa de dividir o país, a África do Sul procura bantustanizar a Namíbia — isto é, dividi-la em zonas tribais, para impedir a unidade de todo o povo, chegando até ao ponto de criar exércitos tribais para combater a SWAPO.

A comunidade internacional, através das Nações Unidas, pronunciou-se já sobre esta questão. A proposta da ONU visa, entre outros, os seguintes pontos:

1. Cessar fogo, limitação e controlo das forças em conflito;
2. Evacuação das forças de ocupação sul-africanas;
3. Contrôlo da fronteira norte da Namíbia, através da criação de uma zona desmilitarizada compreendendo uma faixa de 50 km de largura em cada lado da fronteira, supervisionada pelas forças das Nações Unidas, que impeçam a movimentação das forças em conflito, para um ou outro lado da fronteira (ver o mapa);
4. Eleições livres supervisionadas pelas Nações Unidas, em que participaria a SWAPO em competição com os partidos fantoches;
5. Independência da Namíbia.
6. Conversações sobre a questão de Walvis Bay entre o Governo da Namíbia independente e o Governo sul-africano.

Qual tem sido a resposta sul-africana a esta proposta?

Como vimos, o regime racista tem feito contra-propostas inaceitáveis. O regime sul-africano, utilizando armamento sofisticado de

»

« fabrico imperialista, continua a encontrar a sua solução na mesa das conversações, de acordo com os planos das Nações Unidas

A África do Sul continua tam-

apoiados pela comunidade internacional e pelos Estados da Linha da Frente. Contudo, se a África do Sul continuar a desafiar a opinião internacional e a ignorar os esforços que estão a ser realizados com o objectivo de acabar com a guerra e devolver a liberdade e paz ao povo namíbio, entendemos que não há nem pode haver outra saída se não a luta armada até à vitória final.

A luta do povo namíbio não é só contra o regime sul-africano que ocupa ilegalmente o seu território. Ela é também contra o imperialismo que arma e sustenta o regime de Pretória. Por isso, é também nossa luta, é a luta de todos os povos amantes da paz.

Esta é a nossa posição, é a posição que todo o militante da FRELIMO, todo o cidadão moçambicano, deve assumir e difundir.

ALGUNS DADOS SOBRE A NAMÍBIA

Área: 824 292 km²

População: 1 325 000 habitantes (1977)

Capital: Windhoek

Governo: Legal — Conselho das Nações Unidas para a Namíbia, assistido por um Comissário das Nações Unidas para a Namíbia.

Ilegal — Chefiado por um Administrador Geral nomeado e directamente controlado pela África do Sul.

Riquezas: Diamantes, Cobre, Chumbo, Zinco, Urânio, Gado bovino e ovino.

O porto de Walvis Bay é um dos mais importantes da costa ocidental de África.

bém a promover os fantoches, tentando apresentá-los como interlocutores válidos para discutir a independência da Namíbia. Esses fantoches, caso fossem aceites pela comunidade internacional, constituiriam uma alternativa em relação às conquistas da luta armada dirigida pela SWAPO — única força capaz de conduzir a Namíbia para o estabelecimento dum governo assente nos interesses do povo daquele país.

Tal como aconteceu com o processo da independência do Zimbábue, o imperialismo, através do regime sul-africano, pretende por um lado ganhar tempo, e por outro retirar a iniciativa à SWAPO.

Estas manobras não vão resultar. A comunidade internacional já se pronunciou acerca da questão namíbia: a SWAPO é o único e legítimo representante do povo namíbio.

A posição da República Popular de Moçambique é clara. Nós apoiamos a SWAPO e defendemos também que o problema namíbio deve



Guerrilheiros da SWAPO no interior da Namíbia: «A única garantia segura para a Independência total do País»

RECENSEAMENTO GERAL DA POPULAÇÃO

Tem início no próximo dia 1 de Agosto, o Recenseamento Geral da População, o primeiro a realizar na nossa Pátria livre e independente.

O governo colonial também realizou recenseamentos no nosso País. Qual era o seu objectivo e a quem serviam esses recenseamentos?

O governo colonial fazia o recenseamento da população para melhor nos explorar. O objectivo do colonialismo era saber quantas pessoas deviam pagar imposto, quantos homens se podiam recrutar para o xibalo, qual a mão-de-obra disponível para as minas da África do Sul, para as grandes plantações de sisal, de algodão.

Estes recenseamentos serviam, pois, a burguesia colonial e eram um meio de ela melhor organizar a exploração do nosso Povo.

Qual é, então, o objectivo do recenseamento que estamos a realizar?

O objectivo do nosso recenseamento é fornecer dados que permitam o desenvolvimento planificado da nossa economia. Ou seja, vai determinar quantos somos, quantas pessoas trabalham numa dada profissão, quantos operários, camponeses, soldados, quantos estudantes, etc. Com esta informação vamos poder calcular a quantidade de produtos que devemos produzir, as escolas, hospitais e habitações que precisamos de construir, quanto tecido e sapatos temos que produzir. Ou seja, o recenseamento que estamos a preparar serve os interesses do nosso Povo, pois permite-nos melhor organizar a nossa economia, melhor organizar a nossa vida.

As Células do Partido e os Grupos Dinamizadores têm, pois, um importante papel a desempenhar na mobilização e organização do nosso Povo. As populações devem ser esclarecidas por forma a compreenderem claramente os objectivos do recenseamento, o que permitirá darem respostas exactas e denunciar qualquer acção do inimigo.

As estruturas do Partido, bem como as Organizações de Massas, devem também desenvolver um trabalho para levar as pessoas a conhecerem-se mais profundamente entre si. Assim, quando iniciarmos o recenseamento, cada elemento do agregado familiar deve saber o que fazem e onde trabalham os restantes membros. Desta forma, quando o agente de recenseamento for a uma residência para preencher o boletim, qualquer pessoa que viva naquela casa poderá responder às perguntas feitas, fornecer as informações necessárias.

Ao mesmo tempo, as Células do Partido e Grupos Dinamizadores devem elevar o seu nível de mobilização e enquadramento da população. O que quer isto dizer? Isto significa que a divisão dos círculos em células, dos bairros em quarteirões, tem que enquadrar toda a população. Cada cidadão deve conhecer o seu círculo, a célula que o enquadra, o seu bairro, o seu quarteirão, deve conhecer o responsável da célula, e do seu quarteirão. A nossa correcta organização é uma condição indispensável para o sucesso do recenseamento que em breve se vai iniciar.

Façamos, pois, do recenseamento da população em 1980, uma grande e vitoriosa ofensiva de classe para a consolidação do Poder Popular na nossa Pátria.

espaço de correspondência

CAMARADA MEMBRO DO PARTIDO.

Ao criarmos este Boletim fornecemos-te mais um Instrumento que te vai apoiar na realização das tarefas do Partido, ao nível da tua fábrica ou empresa, aldeia comunal, bairro, escola, quartel, em qualquer local onde te encontres.

Na realização das tuas tarefas, no estudo das orientações do nosso Partido, nas discussões que tens com os teus camaradas sobre a forma de implementares estas orientações, surgem-te dúvidas que tens necessidade de esclarecer. Por isso criámos esta secção no nosso Boletim. Através dela contribuiremos para que se ultrapassem problemas que surjam no cumprimento das tuas tarefas na Célula onde militas.

Deves, pois, escrever-nos quando estiveres perante qualquer dúvida ou problema que não saibas como resolver. Na carta que escreveres deves expor as questões de forma objectiva, concreta, breve. Deves escrever para:

SEDE NACIONAL DO PARTIDO FRELIMO,
DEPARTAMENTO DO TRABALHO IDEOLÓGICO
BOLETIM DA CÉLULA
ESPAÇO DE CORRESPONDÊNCIA
Rua Pereira do Lago — MAPUTO

Recebemos uma carta do camarada Samuel Massango, membro do Partido residente na província do Maputo, na qual ele nos pede para lhe esclarecermos o significado das expressões **FORÇA DE TRABALHO** e **CASAMENTO PRE-MATURO**.

Vamos começar por responder à dúvida de Samuel Massango, em relação ao significado da expressão **FORÇA DE TRABALHO**.

FORÇA DE TRABALHO

Na produção de todos os bens de utilidade para a sociedade, está sempre presente o trabalho do homem.

Não basta que exista a terra, as ferramentas, as máquinas e as matérias-primas. Se não houver trabalho humano nada se produz.

A força utilizada pelo trabalhador na produção é a chamada «força de trabalho».

Esta «força de trabalho» pode aparecer de formas diferentes:

— Depois de um dia de trabalho um ajudante de pedreiro sente-se cansado;

— Depois de um dia de trabalho um arquitecto ou um engenheiro também se sente cansado.

A energia gasta pelo ajudante de pedreiro é principalmente uma energia física, e a energia gasta pelo técnico é principalmente uma energia mental, intelectual.

Isto não quer dizer que o ajudante trabalha sem pensar, sem saber o que faz. Também não se

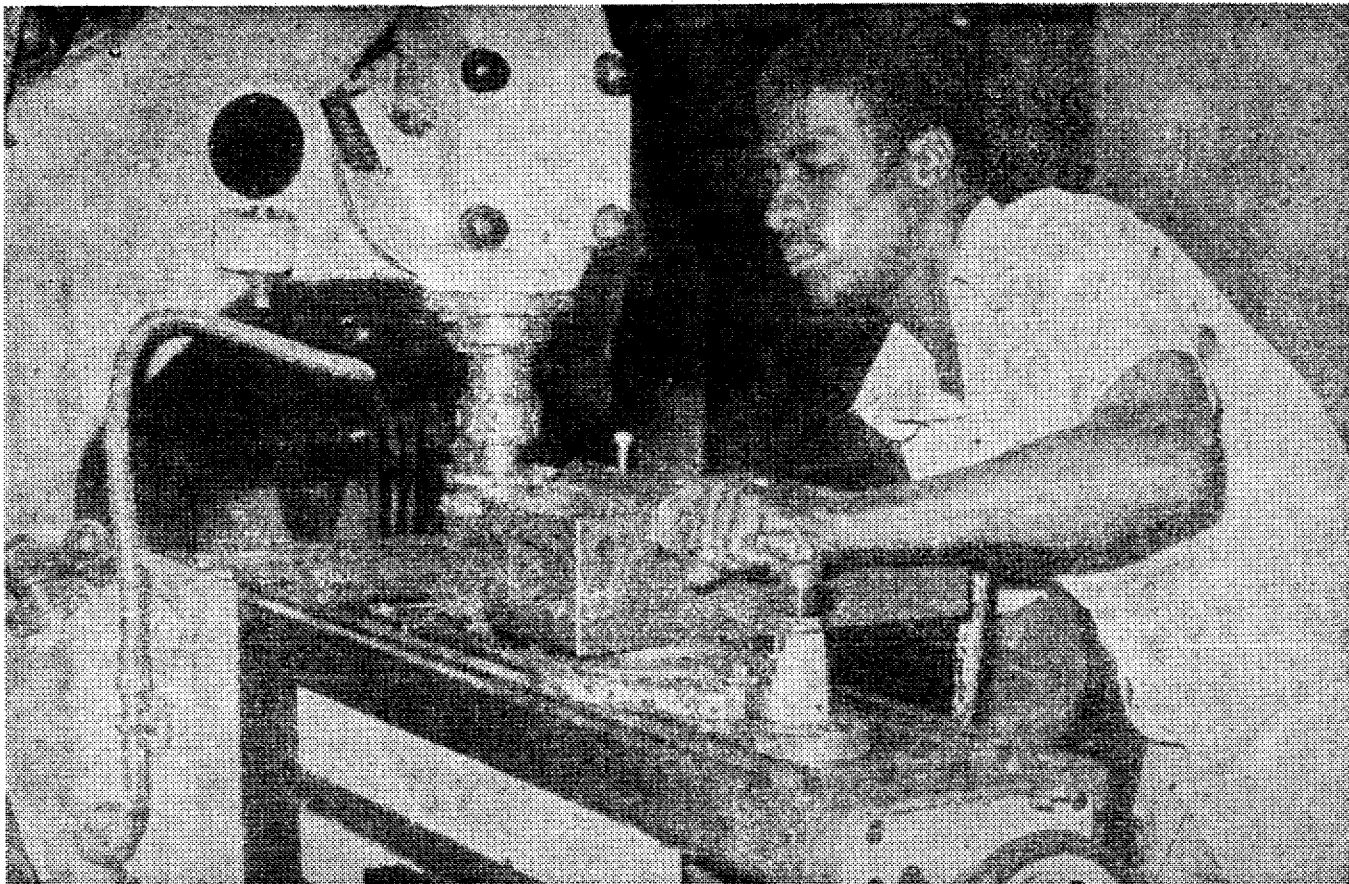
pretende que o técnico só pense e não escreva ou desenhe, por exemplo. Não, pretende-se dizer que há trabalhos que exigem mais energia intelectual enquanto outros requerem mais força física. Mas o importante é que, em ambos os casos, o trabalhador gasta a sua força de trabalho.

Nos países capitalistas essa força vai produzir lucros para os capitalistas. Os operários são miseravelmente pagos e a sua força de trabalho é explorada para enriquecer os capitalistas.

Nos países socialistas os trabalhadores já não trabalham para enriquecer uma minoria porque os meios de produção já pertencem a toda a sociedade, isto é, a todos os trabalhadores. O resultado da produção, da força de trabalho vai para o Estado que o gasta em benefícios sociais como escolas, hospitais, etc.

E por isso que se diz que hoje,

»



A força de trabalho é aquela que todo o trabalhador utiliza no processo diário de produção

em Moçambique o trabalho liberta o povo.

CASAMENTO PREMATURO

Passamos agora a responder à outra dúvida do camarada Samuel Massango, em relação ao significado da expressão «Casamento Prematuro».

Casamento é a forma pela qual duas pessoas de sexo diferente passam a viver em conjunto como forma de realizarem o seu amor.

Normalmente, desta vida em conjunto, resulta igualmente o nascimento de filhos.

Esta definição do que deve ser o casamento mostra-nos que este deve ser realizado pela livre vontade das duas pessoas que se vão casar, e apenas porque gostam uma da outra. Não se podem aceitar casamentos que sejam realizados apenas porque os pais dos noivos decidiram isso sem lhes pedir a opinião. Nem são correctos os casamentos feitos apenas por interesses económicos e não por amor.

Vejamos agora o que quer dizer «prematuro». Esta palavra é composta por «pre», que significa antes de, e por «maturo» que é outra forma de dizer maduro. Portanto «prematuro» é tudo aquilo que ainda não está maduro, que ainda não chegou ao seu tempo.

Se uma criança nasce só com sete ou oito meses de gravidez, diz-se que é prematura. Se uma fruta é colhida quando ainda está verde, diz-se que a colheita é prematura.

Juntando agora as duas palavras veremos que «casamento prematuro» é aquele que se realiza antes de chegar a altura em que se deve realizar.

Todos sabemos que para um casamento poder resultar bem numa família feliz, é necessário que os dois noivos já tenham o desenvolvimento físico e mental que lhes permita encarar as grandes responsabilidades de uma coisa tão importante como o casamento.

Não chega que os jovens já tenham atingido a idade em que o seu desenvolvimento físico já lhes

permite ter filhos. É preciso também que eles cheguem à idade de compreenderem bem aquilo que estão a fazer quando constituem uma família. É preciso que a livre vontade dos noivos seja baseada numa correcta consciência daquilo que significa casar.

Sabemos da experiência da nossa vida diária, da nossa vida social, que os jovens até aos 18 anos (e muitos até uma idade mais avançada) não são capazes de resolver sozinhos os seus problemas, quanto mais os problemas de uma família. É que eles não estão ainda **maduros**, não alcançaram ainda o nível de responsabilidade exigido pelo casamento. E, por outro lado, não têm ainda os meios materiais e financeiros necessários, não têm a sua vida organizada.

É certo que o casamento de jovens muito novos faz parte das tradições em muitas zonas do nosso país, mas essa, como muitas outras tradições deve ser combatida, porque conduz à infelicidade nas famílias que são constituídas desta forma.